

ENSINO DE ARTE E CULTURA VISUAL: PERSPECTIVAS METODOLÓGICAS DE UMA PRÁTICA INCLUSIVA

Kelly Bianca Clifford Valença, kellybiancacv@yahoo.com.br
Universidade Federal de Goiás

Resumo

O trabalho em questão trata de um relato de experiência realizado na Oficina de Artes Visuais do Projeto Arte Educação da Fundação Jaime Câmara. O principal foco deste estudo é compartilhar o desenvolvimento de uma metodologia de ensino de arte que tem como base a abordagem da cultura visual e como objetivo estimular a criticidade perante interpretações fixas e pré-estabelecidas de obras de arte. Compreender imagens a partir de uma perspectiva cultural ampliou as possibilidades de diálogos vivenciadas pelos estudantes que tiveram vez de autoria ao interpretar e ressignificar as obras trabalhadas.

Palavras-chave: Ensino de arte, cultura visual, imagem.

Abstract

The present work concerns a report of experiences realized at the *Fundação Jaime Câmara's* Visual Arts workshop within the Project *Arte Educação* (Art Education). The main focus of this study is to share the development of an Art Teaching methodology which is based on the Visual Culture's approach and aims to stimulate a constructive criticism to deal with static and pre-established interpretations of works of art. Comprehending images from a cultural perspective has broadened the possibilities of dialogue experienced by students who had the autonomy to interpret and resignify the works of art in question.

Keywords: Teaching art, visual culture, image.

1. INTERPRETAÇÃO DE IMAGENS E CULTURA VISUAL

Campo de estudo recente, as discussões acerca da cultura visual no Brasil ainda se configuram como novidade para muitos. Na perspectiva em questão, imagens, artísticas ou não, são tratadas como artefatos culturais, logo, passíveis de diversas interpretações. Assim, a cultura visual se propõe a romper com sistemas pré-estabelecidos de interpretação na expectativa de que novos significados sejam construídos (MARTINS, 2007a).

Trabalhar a partir de uma abordagem cultural implica considerar o ato de interpretação como algo construído histórica, social e culturalmente. A associação entre imagem e cultura é o princípio catalisador da cultura visual e se fundamenta na interpretação como prática social que entrecruza percepções de um contexto político, econômico, artístico e educacional com sentidos da memória social do sujeito que interpreta. A cultura visual analisa e critica o que Fischman (2004) denomina a matriz do visual, ou seja,

o que esta contém e não pode ser visto. Também as lentes que tornam inteligíveis o visível e o invisível, e a localização espacial e temporal do observador e do observado. Tudo isso constitui a matéria do visual, limitando o que é possível ou não ver (pp. 114-115).

Obras de arte, assim como as imagens, não são estáveis e, portanto, não podem garantir representações estáveis e, conseqüentemente, interpretações fixas. Além disso, as interpretações põem em perspectiva valores culturais e “estruturas sociais que ganham vida a partir de espaços, movimentos, olhares, silêncios e vozes que interagem informando e formando através de diálogos” MARTINS, 2007b, p. 11).

Neste contexto, é fato que nossos modos de ver e interpretar imagens fundamentam-se em sistemas pré-estabelecidos onde resquícios de uma cultura modernista parecem ainda prevalecer. Exemplo disso é que ainda nos deparamos com abordagens imagéticas objetivas, formais e, conseqüentemente, tendenciosas, que ainda aspiram a universalizar significados (VALENÇA, 2008). Em contraposição, nosso contexto pós-moderno não só rechaça tais abordagens, como resiste à idéia de representação como “(...) representações absolutas da verdade (...)” (EFLAND; FREEDMAN; STUHR, 2003, p. 83)¹.

É a partir da valoração e diálogo com essas múltiplas possibilidades interpretativas, que se constroem pensamentos e olhares críticos. Neste sentido, “o objeto de estudo da cultura visual não é especificamente a arte (...), mas a interpretação crítica da arte, da imagem, do visual” (MARTINS, 2007c, p. 78).

Também não podemos deixar de salientar que “apesar da centralidade das imagens em relação ao conceito de cultura visual, o campo da visão tem uma relação indispensável com vetores verbais, de audição, emocionais, físicos, intelectuais, espaciais e históricos” (ROGOFF, 1998, p. 15)².

Embora nas sociedades contemporâneas ocidentais a imagem também seja utilizada como um extraordinário instrumento de homogeneização, “o ato físico de observar a aparentemente finita multiplicação de imagens e os seus efeitos saturantes é apenas uma parte das nossas experiências visuais” (FISCHMAN, 2004, p. 114). Assim, a cultura visual não implica no estudo de imagens exatamente, mas, no estudo e análise de artefatos sociais.

O visual é composto por tudo o que vemos. Apesar disto incluir imagens, não as faz exclusivas. As imagens são parte dos artefatos de nossa sociedade, do mesmo modo que objetos e obras de arte também o são.

É importante que não confundamos imagem ou obra de arte com discurso. Os discursos e significados estão nos sujeitos e em suas respectivas relações com os artefatos. Logo, os significados não estão nos artefatos. Estes, não carregam discursos na forma que as pessoas possam olhar e “alcançar” ou, ainda, adivinhar o que o artista quis “passar” ou “dizer”. Muito embora os artistas tenham intenções ao elaborarem seus trabalhos, isto não garante que as pessoas percebam em consonância com o pensamento dos criadores, nem tão pouco significa que este pensamento elimine outras maneiras de interpretar. São os olhos de outros que irão interagir com as obras, o que vai muito além da visão física já que, em verdade, olhamos através da visão. Quem realmente olha, logo interpreta, é a nossa mente conectada às nossas experiências sócio-culturais. É assim que entram em cena nossos sentidos e repertórios.

A relação de cada indivíduo com as imagens e/ou obras de arte é que constrói significado para as mesmas. Isso denota a existência de múltiplas visões e, conseqüentemente, múltiplas interpretações.

Vivemos numa cultura escolar e acadêmica que preconiza a existência de um modo correto de “ler” imagens e, devido a isso, com freqüência me deparo com pessoas que não se julgam aptas a falar sobre arte.

Deste modo, educar visualmente na perspectiva da cultura visual requer espaço suficiente para que uma multiplicidade de olhares tenha vez no processo de interpretação de imagens. Nesta abordagem de trabalho, os modos de ver e compreender de alunos, por exemplo, podem ser colocados lado a lado às interpretações de qualquer professor, curador, crítico ou artista.

2. PROJETO ARTE EDUCAÇÃO: ESPAÇO DE APRENDIZAGENS SIGNIFICATIVAS

O presente estudo integra registros de uma experiência metodológica vivenciada no *Projeto Arte Educação* durante o I bimestre letivo do ano de 2009. O referido projeto é uma iniciativa de complementação à educação formal, realizada pela Fundação Jaime Câmara em parceria com empresários, Secretarias Municipal

e Estadual de Educação e Arquidiocese de Goiânia. O objetivo dessa proposta é contribuir para o desenvolvimento integral de crianças e adolescentes oriundos da Rede Pública de Ensino, possibilitando uma perspectiva de mundo que faça desses alunos, agentes transformadores de suas histórias e comunidades.

Atualmente, o projeto atende a uma demanda de aproximadamente 1.000 estudantes freqüentes, perpassando pela faixa etária de 6 a 14 anos, que no contra turno da escola formal têm acesso às seguintes oficinas: Artes Visuais, Materiais Expressivos, Mídias Contemporâneas, Teatro, Contação de Histórias, Percussão, Coral, Dança, Capoeira, Esporte, Aprender a Ler, Inglês, e Xadrez. Tais atividades são desenvolvidas em quatro núcleos que contemplam os setores Riviera, Vila Rosa, Itatiaia e Goiânia Viva.

Neste contexto, o trabalho em questão foi desenvolvido na oficina de Artes Visuais do núcleo Riviera, tendo como base o eixo temático anual '*O mundo e sua arte: arte em toda parte*' e como perspectiva metodológica a cultura visual. A opção por abordar a arte do mundo se deve ao fato de, nos anos anteriores, a arte local – goianiense, goiana e brasileira – ter sido intensamente discutida e vivenciada por alunos, professores e coordenadores do projeto. Assim, o tema anual funcionou como um ponto de partida – não como um limite – para a realização da proposta que relatarei a seguir.

3. PERCURSOS E DESDOBRAMENTOS

Após eixo temático anual ter sido negociado, discutido e, por fim, definido, a arte européia acabou sendo foco de estudo do I bimestre letivo. Neste sentido, optamos por trabalhar com imagens de obras de arte recorrentes em livros didáticos, sites de história da arte, enciclopédias, jornais, dentre outras mídias (GOMBRICH, 2002; SHÖEPKE, 2006; PROENÇA, 2004; www.historiadaarte.com.br). Um dos pontos que pudemos constatar com esta primeira etapa do trabalho foi que as imagens encontradas nestes meios são, em sua maioria, referentes a períodos históricos passados, isto é, observamos que a arte contemporânea estava ausente. A contemporaneidade à qual me refiro não é àquela do período histórico denominado modernista, mas, à produção dos dias em que vivemos (OLIVEIRA e FREITAG, 2008; THISTLEOOD, 2005).

Com base no já exposto, ao pensar numa metodologia de trabalho que integrasse o eixo temático e a abordagem da cultura visual, foi preciso manter em mente que

(...) uma imagem pode evocar diferentes respostas por parte de diferentes pessoas. Levar isso em conta pressupõe valorizar não apenas a exploração das versões díspares de interpretação que se derivam de uma representação, mas também as defendidas por cada aluno e aluna, para, a seguir, situar suas diferentes visões em contextos teóricos, sociais e culturais mais amplos. (HERNÁNDEZ, 2007, pp. 80-81).

Partindo da reflexão proposta por Hernández, os alunos envolvidos nesta atividade selecionaram 16 imagens de obras de arte europeia cuja orientação foi criar uma narrativa utilizando essas figuras. Meu objetivo era dar vez de autoria aos alunos considerando que “o conceito de autor se combina com o conceito de interpretação porque cada vez que se interpreta uma imagem está sendo construída uma forma de autoria” (MARTINS, 2007, p. 73).

Para tanto, até que esta atividade fosse concluída, não expus nomes de artistas, anos das obras e nem tão pouco os títulos dos trabalhos.

Atualmente, a oficina de Artes Visuais conta com 6 turmas, sendo 3 do período matutino e 3 do período vespertino com uma média de 25 alunos por oficina. Logo, após as narrativas serem concluídas, socializamos as mesmas com todos os grupos e selecionamos, através de uma votação sugerida pelos estudantes, uma história por turma. O próximo passo foi convidar alunos da oficina de Teatro que tivessem interesse em narrar as histórias para uma gravação e, por fim, produzir os vídeos com auxílio do programa *Windows Movie Maker* de modo a reunir imagens, narrativa e voz utilizadas.

Ao abordar imagens no contexto da cultura visual, o espaço para a subjetividade dos alunos é fator *sine qua nom* no processo de trabalho já que o foco dessa perspectiva está no observador (VALENÇA, 2009). De fato, o mais gratificante dessa experiência, foi perceber o envolvimento dos estudantes ao se reconhecerem na posição de ‘donos’ da história, livres para interpretar como bem entendessem e sem sofrerem julgamento algum por isto. A narrativa intitulada *O Amor do Sonho* explicita bem o mencionado e refere-se à ordem das imagens da esquerda para a direita e de cima para baixo de maneira que cada linha do texto condiz com uma imagem (figura 1).



Figura 1: Imagens utilizadas na narrativa *O Amor do Sonho*.

O Amor do Sonho

*Era uma vez, um homem dormindo
e sonhando que era mais bonito.*

Ele tinha uma mulher que soltava pum chamada Maria.

Certo dia, saíram para passear e encontraram sua filha mais velha, que não viam há tempo, com uma criança.

Ela havia tido um filho chamado João Pé de Feijão.

Os anos se passaram, até que chegou o Natal.

*E João cresceu e comprou um cachorro que era horroroso
por ter sofrido um acidente de bicicleta.*

O pai de João estava ficando velho.

*E para ter uma boa saúde, comia muitas, muitas,
muitas e muitas frutas.*

Mas um dia, morreu e foi enterrado em um cemitério.

Maria comprou lindas flores e colocou em seu túmulo.

A cabeça dela ficou uma confusão após a morte do marido.

Até que resolveu sair pra dançar

e acabou conhecendo um homem com quem se casou.

O texto acima foi elaborado por uma turma de alunos que tinham entre 6 e 7 anos – 1ª oficina de Artes Visuais do turno matutino – que, por ainda não dominar a escrita, criou o texto coletiva e oralmente enquanto eu anotava o que eles diziam no quadro. Só após este espaço ter sido vivenciado, nomes de artistas, títulos e anos de obras e contexto de produção foram pauta de estudo. Isto sem dúvidas recrudescer os repertórios dos estudantes que, ao terem a oportunidade de dialogar

com diferentes pontos de vista, vivenciaram uma experiência inclusiva que contribuiu com o desenvolvimento do senso crítico e autonomia de idéias.

Ao rever as histórias dos alunos das outras turmas, que tinham entre 6 e 14 anos, pude perceber o que Hernández (2007) já discutia em relação a uma mesma imagem poder ser alvo de diversas interpretações. De fato, a obra *A dança* de Henri Matisse (1910), foi interpretada como dança e brincadeira por uns, mas também como “*homens flutuando pelo ar*” por outros (2ª oficina de Artes Visuais matutino). Da mesma forma, a obra *O Grito* de Edvard Munch (1893), foi aludida pelos alunos a um ser humano, cachorro e monstro respectivamente em três histórias distintas. O detalhe da obra *A Criação de Adão* – parte do teto da Capela Sistina – pintada por Michelangelo (1508-1541) foi capaz de evocar compreensões não só diversas como colidentes já que enquanto algumas narrativas lhe atribuíram o sentido de encontro outras a interpretaram como separação.

Perante esses exemplos, penso que se imagens figurativas não evocam o mesmo sentido por parte do observador, a relação imagem – palavra parece anacrônica visto que, por não se tratar de letras, os elementos que integram uma imagem não são suficientes para que interpretações universalizantes se estabeleçam, conforme ocorre com um texto. A esse respeito, Jr., 2003 enfatiza que “Não se pode, por exemplo, “traduzir” uma obra de arte em outra, encontrando-lhe “sinônimos”, como se faz com a linguagem” (p. 45).

Destarte, ao constatar que as imagens de obras de arte figurativas mencionadas remeteram à interpretações não só distintas como contraditórias em alguns casos, fiquei me indagando sobre o que dizer se esse trabalho tivesse sido mediado com obras de arte cuja figuração não fosse fator preponderante, a exemplo da arte contemporânea. Logo, uma outra possibilidade metodológica com a atividade que descrevo neste texto, seria realizá-la com imagens da produção contemporânea de arte, devido o caráter fundamentalmente subjetivo que cerceiam essas obras (VALENÇA, 2009).

Os vídeos das histórias construídas pelos alunos foram expostos na culminância do I bimestre. Este momento – a culminância – faz parte de uma prática adotada pelo Projeto Arte Educação, cujo objetivo é dar um retorno aos envolvidos com esse processo – pais, alunos, professores, coordenadores e comunidade – em forma de espetáculo e de modo a reunir todas as oficinas, configurando-se, por isto, como um trabalho inter e transdisciplinar.

Infelizmente, na época do desenvolvimento da atividade em questão, não foi possível que os alunos participassem da produção e edição dos vídeos. Contudo, numa próxima oportunidade, isto sem dúvida constituirá parte do processo de trabalho por acreditar que tal etapa o tornaria ainda mais significativo, levando-se em consideração o interesse das crianças pelos recursos utilizados e a interdisciplinaridade demandada.

4. ÚLTIMAS REFLEXÕES

No ano de 2007 iniciei uma pesquisa de Mestrado com alunos da Licenciatura em Artes Visuais da UFG. O objetivo foi investigar o modo como a arte contemporânea era compreendida por esses estudantes e, por extensão, refletir sobre as possibilidades didáticas da produção de nossos dias no ensino de arte. No decorrer dessa trajetória, ao apresentar parte dos resultados da pesquisa num evento nacional da área, alguém me indagou: *“mas como seria um trabalho com arte contemporânea embasado na perspectiva da cultura visual”*? Desde então, sentia a necessidade de publicar exemplos de experiências que respondessem a tal questionamento. E, apesar deste relato não se configurar como um trabalho realizado com imagens de arte contemporânea, configura-se como uma possibilidade – dentre tantas que ainda pretendo experimentar – conforme o já discutido.

No caminho até aqui percorrido, almejei destinar um olhar diferenciado às crianças que tive o ensejo de – mais do que ensinar – aprender e desfrutar de suas respectivas experiências. Indubitavelmente, a busca por esse olhar não só desconstruiu e reconstruiu minha prática docente e identidade, como, sobretudo, promoveu mudanças nas identidades e cotidiano das crianças que vivenciam o projeto.

Educar num contexto de mudanças e contradições (HERNÁNDEZ, 2005) requer olhar e atitude críticos por parte de docentes, mas também requer compreensão e envolvimento por parte de alunos. Pensar a prática docente no ensino de arte de maneira a incluir estratégias metodológicas que valorizem a voz e vez de nossos alunos me parece uma forma plausível de contribuir com o desenvolvimento de mentes mais críticas e lúcidas.

Notas

¹ “(...) representaciones absolutas de la verdad (...)” (EFLAND *et. al.*, 2003, p. 83).

² “(...) in spite of the centrality of images in relation to the concept of visual culture, the field of vision has indispensable relations with verbal, listening, emotional, physical, intellectual, spatial and historical vectors” (ROGOFF, 1998, p. 15).

REFERÊNCIAS

EFLAND, A.; FREEDMAN, K.; STUHR, P. Teoria Posmoderna: Cambiar concepciones del arte, la cultura y la educación. *In: La educación en el arte posmoderno*. Barcelona: Paiós, 2003, pp.39-98.

FISCHMAN, Gustavo. Reflexões sobre imagens, cultura visual e pesquisa educacional. CIAVATTA, Maria; ALVES, Nilda (orgs.). *In: A leitura de imagens na pesquisa social: história, comunicação e educação*. São Paulo: Cortez, 2004, pp. 109-125.

GOMBRICH, Ernst. **A história da arte**. São Paulo: LTC, 2002;

JR. João. **Por que arte-educação?** Campinas: Papirus, 2003.

HERNÁNDEZ, Fernando. **Catadores da cultura visual**: proposta para uma nova narrativa educacional. Porto Alegre: Mediação, 2007.

MARTINS. A cultura visual e a construção social da arte, da imagem e das práticas do ver. *In: OLIVEIRA, Marilda (org.) Arte, educação e cultura*. Santa Maria: UFSM, 2007a, pp. 19-40.

_____. Temporalidades múltiplas da imagem como pedagogias da interpretação. *In: Anais do I Congresso de Educação, Arte e Cultura*. Santa Maria: UFMS, 2007b, pp. 1-12.

_____. MARTINS, Raimundo. Porque e como falamos da cultura visual? **Visualidades**. Goiânia, v. 4, n. 1 e 2, pp. 65-79, dez. 2007c.

OLIVEIRA, Marilda; FREITAG, Vanessa. A produção contemporânea como espaço de conflito no ensino de artes. **Visualidade e Educação**. Goiânia: FUNAPE, n. 3, pp. 117-130, 2008.

PROENÇA, Graça. **História da Arte**. São Paulo: Ática, 2004.

ROGOFF, Irit. Studying visual culture. *In: MIRZOEFF, Nicholas (ed.) The visual reader*. London: Routledge, 1998, pp. 14-26.

SHÖEPKE, R. Roubo de obra famosa inspira reflexão sobre o olhar. **O Globo**, São Paulo, 28 Jan. 2006.

THISTLEOOD, David. Arte contemporânea na educação: construção, desconstrução, re-construção, reações dos estudantes britânicos e brasileiros ao

contemporâneo. *In*: Barbosa, Ana Mae (org.). **Arte educação contemporânea: consonâncias internacionais**. São Paulo: Cortez, 2005, pp. 113 -125.

VALENÇA, Kelly; PEREIRA, Alexandre; MARTINS, Raimundo. **Um olhar 'formatado'**. Anais do I Seminário Nacional de Pesquisa em Cultura Visual. Goiânia: Programa de Pós-Graduação em Cultura Visual, FAV/UFG, 2008. CD-ROM, pp. 1-10.

VALENÇA, Kelly. **Arte contemporânea na formação de professores**: um estudo com alunos da Licenciatura em Artes Visuais da UFG. 2009. 112pp. Dissertação (Mestrado em Cultura Visual) - Faculdade de Artes Visuais, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2009.

Kelly Bianca Clifford Valença é Graduada em *Licenciatura Plena em Desenho e Plástica* pela Universidade Federal de Pernambuco, Especialista em *Arteterapia* pela Faculdade Mauá de Brasília e Mestre em *Cultura Visual* pela Universidade Federal de Goiás. Atualmente, é professora da rede pública de Goiânia atuando no Projeto Arte Educação da Fundação Jaime Câmara.